

Preciosa: a escola como um contexto potencializador de proteção e resiliência

Patricia Mendel¹
Cátula Pelisoli²

Resumo: A resiliência é definida como um processo de adaptação do ser humano, que se apresenta tanto em ambientes favoráveis quanto desfavoráveis. Trata-se de um fator protetivo, que faz com que as adversidades da vida sejam percebidas de forma diferenciada, levando a um desenvolvimento saudável. O objetivo deste estudo é identificar como a resiliência pode estar presente na escola e como a escola pode ser um potencializador das características e dos processos de resiliência das pessoas. Realizou-se uma revisão não sistemática da literatura, considerando a produção dos últimos 10 anos e utilizando como descritor único "resiliência". Utilizou-se a análise do filme *Preciosa: uma história de esperança* como um disparador para discutir a importância da escola como fator de proteção. Observa-se que o filme traz a escola como um contexto onde a proteção e o apoio são possíveis e que apresenta possibilidades de ampliar a características que possibilitam o desenvolvimento da resiliência em crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Resiliência. Proteção. Escola

Abstract: Resilience is defined as a process of adaptation of the human being, which is presented in both favorable and unfavorable environments. It is a protective factor, which causes the adversities of life are perceived differently, leading to a healthy development. The objective of this study is to identify how resilience can be present in the school and how the school can be an enabler of the characteristics and processes of resilience of the people. We performed a systematic literature review is not considering the production of the last 10 years and using as single descriptor "resilience." We used the analysis of the film *Precious: a story of hope* as a trigger to discuss the importance of the school as a protective factor. It is observed that the film brings the school as a context where protection and support are possible and that presents possibilities of expanding the features that enable the development of resilience in children and adolescents.

Keywords: Resilience. Protection. School.

Preciosa: a escola como um contexto potencializador de proteção e resiliência

O termo resiliência tem sua origem nas áreas de física e engenharia, datado do ano de 1807. O uso deste termo foi atribuído a Thomas Young, que o utilizou para se referir a alguns materiais com a aptidão de resistir a deformações impostas pelo meio (Yunes & Szymanski, 2001). Desta forma, o termo resiliência significa que um objeto pode ser submetido a forças extremas, mas após o estiramento máximo, consegue retornar ao estado inicial (Günspun, 2003).

¹ Psicóloga, especialista em Saúde Mental, aluna do curso de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica pela Universidade Feevale.

² Psicóloga, especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental (WP), Mestre e Doutoranda em Psicologia (UFRGS), Docente da Faculdade Cenecista de Osório – FACOS, Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência – NEPA UFRGS.

Pensando em termos de capacidades humanas, a resiliência pode ser entendida como a capacidade que o ser humano tem de se restaurar ou até mesmo ser imune psicologicamente, quando perpassado por uma adversidade, sem se tornar vítima (Günspun, 2003). Adversidade é um evento negativo de vida. A adversidade pode ser chamada como sinônimo de caos. O caos corresponde à rescisão traumática e a resiliência, por sua vez, reorganiza o psiquismo (Cyrulnik 2009).

Para Tavares (2001) o termo resiliência pode ser discutido em três níveis: 1) físico: considerado como a resistência do material à tensão à sua possibilidade de retornar ao ponto inicial. 2) médico: neste ponto é referenciada a possibilidade de um indivíduo passar por uma doença ou intervenção e sair desta situação adversa sozinho ou com ajuda de outros. 3) psicológico: a resiliência seria a capacidade de grupos ou indivíduos superarem eventos adversos sem perder o seu ponto de equilíbrio, ou seja, se acomodando e reequilibrando-se naturalmente.

Na Psicologia, entende-se que a resiliência se dá de forma individual e envolve diferentes fatores que se inter-relacionam, por isso podemos dizer que a resiliência se dá de forma processual (Santos, 2006). O autor Boris Cyrulnik (2004) enfatiza que a resiliência é um processo. Não somos mais ou menos resilientes. É algo que se constrói de ato em ato, de palavra em palavra, inscrevendo-se em sua história, através de seu desenvolvimento.

O estudo do desenvolvimento humano salutar e positivo está diretamente ligado à resiliência. Considera-se que quanto mais atuante este indivíduo for em seu meio, pressupõem-se que mais resistente as condições adversas ele será e poderá se valer de táticas positivas para perceber que é possível e que existem outros caminhos a serem percorridos. Entende-se que situações estressantes fazem parte da vida de todos os indivíduos, sendo o que nos difere é a forma como interpretamos tais acontecimentos (Dell'Aglio, Koller & Yunes, 2006).

A resiliência define um novo curso existencial após um acontecimento traumático, ou seja: 1) a estrutura do acontecimento traumatizante participa da significação da ferida. 2) o desenvolvimento e a história do sujeito antes do desastre dão a um

mesmo acontecimento um peso maior ou menor. 3) portanto, a organização da ajuda depois de um trauma pode impulsionar um processo de resiliência ou bloqueá-lo (Cyrulnik, 2009). A psicoterapia tem função específica para um indivíduo vítima de trauma psicológico, ou seja, utiliza-se da mesma para atribuir outros significados ao que lhe ocorreu no passado (Peres et al, 2005). A significação dada ao evento traumático vai depender dos dispositivos emocionais que a pessoa encontra dentro de si e em sua rede de apoio naquele momento, não sendo algo dado a priori, mas constituído a partir da situação adversa. As exposições a eventos negativos fazem parte da vida de qualquer indivíduo, podemos pensar que a diferença está no significado que cada um atribui a este evento estressor. Por exemplo, dependendo da análise e interpretação realizada por determinada pessoa a um evento estressor, este pode ser percebido como algo perigoso ou como algo a ser superado (Yunes & Szymanski, 2001).

A resiliência é mutável conforme o indivíduo e as circunstâncias que se apresentam para ele ao longo da vida (Rutter, 1987). O estímulo estressor pode ser visto como traumático ou não, dependendo da percepção da pessoa que o viveu. Segundo o autor, trauma significa lesão causada por um agente externo (Peres, 2005).

Barlach (2005) nos propõem a pensar que é somente diante da adversidade que o indivíduo mobiliza um conjunto de possibilidades, do qual, talvez, não tivesse noção que dispusesse destes recursos. No momento do enfrentamento, o indivíduo colocou em prática os recursos que dispunha e pode sobreviver a adversidade, saindo-se transformado. Talvez, se não houvesse existido em sua vida aquele momento de adversidade, não teria descoberto os recursos de que disponha. Podemos também compreender que o conceito de resiliência só tem sentido dentro da cultura (Cyrulnik, 2004), ou seja, ela não exista fora do contexto sócio histórico em que este indivíduo encontra-se.

Os autores Libório e Ungar (2010) relatam que a resiliência não pode ser compreendida como um estado único do ser e sim como um estado dinâmico e individual de cada indivíduo. A valorização da qualidade dos vínculos como base de apoio social e o desenvolvimento da confiança em si e no meio possibilitam o

enfrentamento das adversidades da vida (Costa & Assis, 2006). Podemos aprender muito com indivíduos que conseguiram passar pelo risco, obtendo sucesso apesar dele (Pesce et al, 2004).

A resiliência vem na contramão do pensamento atual, ou seja, deixa de focar no problema para vislumbrar as soluções possíveis e resoluções mais adequadas para cada situação. Neste sentido, a resiliência acredita na força do indivíduo, dando a ele autonomia e requerendo protagonismo para conduzir sua vida (Blasius, 2008). O ser humano tem possibilidades de escolha. Ele pode se entregar ao sofrimento e fazendo uma caminhada de vitimização, utilizando-se de soluções antirresilientes, que lhe impedirão qualquer projeto de desenvolvimento. Contudo, pode-se escolher fazer algo com o sofrimento, compreendendo-o e construindo um projeto social ou cultural, que fará dele um trampolim para a resiliência (Cyrulnik, 2009).

Para Melillo et al (2005) existem alguns atributos que podem ser considerados como pilares da resiliência (Suárez Ojeda, 1997), sendo eles:

- a) Introspecção: arte de se perguntar e de se dar uma resposta honesta;
- b) Independência: saber fixar limites entre si mesmo e o meio com problemas; capacidade de manter distância emocional e física, sem cair no isolamento;
- c) Capacidade de se relacionar: habilidade de estabelecer laços e intimidade com outras pessoas, para equilibrar a própria necessidade de afeto com a atitude de se relacionar com os outros;
- d) Iniciativa: gosto de se exigir e se por à prova em tarefas progressivamente mais exigentes;
- e) Humor: encontrar o cômico na própria tragédia;
- f) Criatividade: capacidade de criar ordem, beleza e finalidade, a partir do caos e da desordem;
- g) Moralidade: consequência para estender o desejo pessoal de bem-estar a toda a humanidade e capacidade de se comprometer com valores;
- h) Auto-estima consistente: fruto do cuidado afetivo consequente da criança ou adolescente por parte de um adulto importante.

De acordo com a leitura de alguns autores (Paludo e Koller), nenhuma infância seria completamente feliz e livre de adversidades, sejam elas econômicas, sociais, físicas ou emocionais. Com isto, podemos pensar que qualquer criança passa por eventos que podem trazer incertezas e dificuldades (Pinheiro, 2004). A autora Yunes (2001) utiliza-se de uma metáfora para analisar o conceito de resiliência sendo ele: a “relação da tensão/pressão com deformação não permanente do material corresponderia à relação situação de risco/estresse/experiências adversas com respostas finais de adaptação/ajustamento no indivíduo (...)” (Yunes, 2001, p.18). A metáfora assemelha-se ao que ocorre o elástico quando esticado ao máximo (estresse/risco), quando inicia o retorno a posição inicial, ele pode tanto retornar ficando um pouco mais esticado do que estava anteriormente, quanto pode arrebentar.

Segundo nos relata Cyrulnik (2009), a resiliência não é uma história com final feliz e sim, é a biografia da luta de uma criança empurrada para a morte, que arquiteta uma forma de retornar a viver. Atualmente vivemos ainda sobre a vigência do paradigma patológico, entretanto percebe-se o início de uma mudança de olhar, onde se olha para o indivíduo para além da sua patologia ou queixa, possibilitando percepções adaptativas e salutáveis (Angst, 2009).

As pesquisas sobre este tema se fazem atuais neste contexto histórico em que vivemos, uma vez que a sociedade do século XXI tornou as questões do cotidiano mais complexas e as demandas por competência adaptativa mais presentes em nosso dia-a-dia (Barlach, 2005). Rodríguez (2005) enfoca que o fenômeno da resiliência pode ser simples perceber, entretanto seu conceito e significado psicológico não são evidentes. A resiliência pode ter um conceito de fácil compreensão, mas impossível de ser medido e balizado.

Algumas pesquisas concentram-se sobre como é possível que indivíduos ou grupos saiam transformados de eventos traumáticos (Grotberg, 2005). A resiliência vem sendo estudada e investigada porque os pesquisadores procuram compreender como é possível que dentre as mesmas condições adversas, algumas pessoas

desenvolvem-se de maneira adequada, muitas vezes superando limites, enquanto outros não resistem e desenvolvem patologias ou se tornam vítimas (Barlach, 2005).

Em seu estudo, Laranjeira (2007) aborda a questão das pesquisas sobre resiliência estarem focadas em crianças e adolescentes, havendo pouquíssimos estudos com idosos. Nos escassos estudos encontrados com idosos permanece a questão: a resiliência é adquirida na infância ou se apenas algumas pessoas são resilientes e outras nunca serão? Com o envelhecimento ocorrem períodos de vida adversos como aposentadoria, doenças, morte de algum familiar próximo, e a partir destas situações os idosos lidam de alguma forma com os acontecimentos, sejam eles resilientes ou não. Permanece a sugestão deste autor de realizar estudos longitudinais para que se possa compreender melhor a resiliência e o envelhecimento.

Há a possibilidade de não somente existirem processos de resiliência nas pessoas, mas também em organizações e instituições, reforçando a ideia de que resiliência não seria somente um atributo individual, mas um processo. As organizações resilientes seriam organizações reflexivas e dinâmicas, que funcionariam de forma empática, com solidariedade e confiança (Tavares, 2001).

Verifica-se que a resiliência tem um grande potencial a ser descoberto, contudo ainda perpassado por muitas controvérsias sobre o assunto (Bianchini & Dell'Aglio, 2006). O conceito de resiliência permanece em construção segundo as autoras Dell'Aglio, Koller & Yunes (2006). As pesquisadoras Junqueira & Deslandes (2003) citam alguns tópicos onde transparecem a falta de consenso entre pesquisadores sobre a resiliência, sendo eles: inato/adquirido, adaptação/superação, permanente/circunstancial. Neste sentido, podemos pensar que algumas pessoas conseguem construir e adquirir comportamentos considerados adaptativos a situação, outros autores, no entanto, compreendem que a resiliência é algo inato, já vem com o indivíduo. Permanece a dúvida do quanto à resiliência é circunstancial, aparecendo somente em determinados momentos da vida, ou uma vez presente naquele indivíduo, estará ali para sempre. Estas autoras defendem a possibilidade

de um novo olhar sobre a situação adversa, sem o eliminar, mas transformando-o (Junqueira & Deslandes, 2003).

Cyrulnik (2004) nos brinda com esta poética definição de resiliência,

(...) Trata-se de um processo, de um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito se esgueira para dentro de um contexto afetivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes. Um trauma empurrou o sujeito em uma direção que ele gostaria de não tomar. Mas, uma vez que caiu numa correnteza que o faz rolar e o carrega para uma cascata de ferimentos, o resiliente deve apelar para os recursos internos impregnados em sua memória, deve brigar para não se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos que o fazem navegar aos trambolhões, de golpe em golpe, até o momento em que uma mão estendida lhe ofereça um recurso externo, uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação. (Cyurulnik, 2004, p.207)

Vulnerabilidade e risco

O vocábulo vulnerável vem do latim *vulnerare*, significa ferir. Utiliza-se este termo quando nos referimos à tendência a desordens ou estresse (Yunes & Szymanski, 2001). A definição de vulnerabilidade está ligada a alterações no desenvolvimento físico e/ou psicológico de um indivíduo submetido a situações de risco (Rutter, 1987).

A vulnerabilidade pode ser expressa através de fatores como: prematuridade, desnutrição, baixo peso, lesões cerebrais, atraso no desenvolvimento, família desestruturada, minoria social, desemprego, pobreza, dificuldade de acesso à saúde e educação. Crianças que tenham pais com desordens afetivas, esquizofrenia, desordens antissociais, hiperatividade, déficit de atenção e isolamento são consideradas vulneráveis a eventos estressores e crianças que apresentam risco para problemas no desenvolvimento (Sapienza, 2005).

Para que a resiliência se apresente, o indivíduo precisa estar em uma situação de risco. É somente nestes eventos que a resiliência pode aflorar, demonstrando as possibilidades de superação e desenvolvimento sadio do indivíduo (Blasius, 2008) Para Santos (2006), a vulnerabilidade pode também ser encontrada em situações externas ao indivíduo. A vulnerabilidade, estando sozinha, não é considerada perigosa, contudo se associamos ao risco, tendemos a potencializá-la.

Segundo Cecconello (2003), eventos negativos relacionam-se ao risco e vulnerabilidade. Portanto, risco diz respeito a questões não somente individuais como também ambientais. Em alguns momentos da vida, a pessoa pode ter uma resposta perfeitamente adaptada frente a alguma situação adversa. Em outro momento, pode não conseguir dispor destes recursos de enfrentamento. Isto significa que os eventos estressores variam de acordo com o ciclo vital e também variam em termos de intensidade. Desta forma, não haveria vulnerabilidade sem risco.

Além da infância, outra fase do desenvolvimento propensa à vulnerabilidade é a adolescência, pois se configura como um momento na vida em que ocorrem muitas alterações físicas e psicológicas (Sapienza, 2005). As crianças começam a deixar de ter um corpo infantil para sofrerem as mudanças da adolescência. Iniciam-se os questionamentos sobre sua identidade: quem sou, quem eu serei, questões sobre a sexualidade se tornam imperativos nesta fase juntamente com as possibilidades profissionais. No contexto do desenvolvimento adolescente, a existência de um projeto de vida parece diminuir a vulnerabilidade (Costa & Assis, 2006). O simples fato de planejar o futuro e conseguir vislumbrá-lo como possível pode ser pensado como um fator proteção a estes adolescentes.

Os fatores de risco correspondem a eventos negativos que aumentam a possibilidade do sujeito desenvolver problemas psicológicos, físicos ou sociais. Já os fatores de proteção dizem respeito à interação das respostas singulares dos indivíduos a algum fator desadaptativo. Entretanto, entende-se que os acontecimentos e as ações não são estanques, ou seja, são perpassadas por um entendimento de processo que se delinea ao longo da história de vida de cada sujeito, criando diversas possibilidades (Dell'Aglio, Koller & Yunes, 2006).

Pesce et al (2004) enfatiza a necessidade de entendermos as circunstâncias em que a pessoa está no momento para analisarmos a questão do risco. Para estes autores, o conceito de risco ou eventos negativos pode tanto estagnar a vida deste indivíduo, impedindo-o de ir adiante, quanto possibilitar que ele se desenvolva e se reorganize, superando-se. Os fatores de risco servem também para alterar a resposta do

indivíduo perante alguma situação de risco. O autor cita três aspectos importantes: 1) nem sempre um fator de proteção é algo ameno; 2) os fatores protetivos podem não se manifestar na ausência de algum evento estressor; 3) os fatores de proteção podem se apresentar como qualidades do indivíduo (Rutter, 1987).

Existem situações de risco que podem ser consideradas como situações negativas, como baixa escolaridade dos pais e ausência de uma rede protetiva, dificultando o acesso ao processo de resiliência (Poletto, 2008). A resiliência não tem como pretensão eliminar riscos ou tornar o sujeito “invulnerável”, mas sim auxiliá-lo a enfrentar ativamente a situação adversa e sair fortalecido da mesma (Assis et al, 2006).

A resiliência pode ser vista com base em características específicas do indivíduo, como temperamento (Yunes, 2003). A mesma autora analisa o conceito de estresse e *coping* e como aparecem ligados aos estudos sobre resiliência. Neste caso, estresse estaria representando o polo negativo e *coping*, o polo positivo (Yunes, 2001). Para alguns autores, já existem alguns consensos sobre a definição de resiliência e suas características, entretanto quando nos referimos aos fatores de risco e proteção, ainda é de grande dificuldade a quantificação destas estratégias e a forma com que o indivíduo faz uso das mesmas, para que se possa determinar este ser de resiliente ou não (Angst, 2009).

A resiliência pode ser desenvolvida com base em relações de confiança e apoio, o que significa dizer que o cuidar torna-se um ato de extrema relevância quando falamos em crianças e adolescentes, seres considerados em desenvolvimento. Para as autoras Junqueira e Deslandes, a resiliência poder ser vista de forma “estigmatizadora”, ou seja, que seria desenvolvida somente por algumas pessoas, sendo elas as mais fortes e competentes ficando para os demais o nada, o não resiliente (Junqueira & Deslandes, 2003). Verifica-se que crianças traumatizadas podem contrastar com provações, muitas vezes tornando-se melhores seres humanos, e a afirmação acima faz com que pensemos que não basta associar a isto a invulnerabilidade, mas associa-se a recursos internos afetivos e a disponibilidade

de recursos externos para esta pessoa possa superar-se apesar das adversidades vivenciadas (Cyrulnik, 2004).

Os eventos adversos não são imóveis, eles se modificam e com isto exige que o comportamento resiliente também se altere (Grotberg, 2005). A resiliência traz um novo olhar e com ela vem a possibilidade de que o indivíduo dispõe de valorizar suas experiências (Infante, 2005). Salientamos que o conceito de resiliência possibilita a crença que de o ser humano é “capaz de superar adversidades e situações potencialmente traumáticas” (Junqueira & Deslandes, 2003). A resiliência possibilita ao sujeito ser agente de seu processo e de se engajar com os rumos de sua vida, se restabelecendo apesar de tudo (Cyrulnik, 2004). Ou seja, existe algo maior que possibilita que estas pessoas superem-se mesmo tendo experimentado situações difíceis na vida, como crenças, autoestima, relações interpessoais, entre outros.

É importante analisar o binômio risco-proteção (Pinheiro, 2004). Para que se possa pensar em fatores de resiliência, precisamos avaliar o tipo de agressão sofrida, o significado que o infante atribuiu e não menos importante a forma pela qual a família o acolheu (Cyrulnik (2004). O conjunto de adversidades pode ser mais danoso do que o fator de risco isolado (Sapienza, 2005). As pessoas resilientes podem ser machucadas, mas não traumatizadas (Cyrulnik, 2004).

Para Cyrulnik (2004) os estudos sobre resiliência deveriam abordar três planos:

1. A aquisição de recursos internos impregnados no temperamento, já nos primeiros anos, no decorrer das interações precoces pré-verbais, explicará a maneira de reagir diante das agressões das existências, estabelecendo tutores de desenvolvimento mais ou menos sólidos.
2. A estrutura da agressão explica os estragos do primeiro golpe, o ferimento ou a falta. Mas o significado que esse golpe irá adquirir mais tarde na história do ferido e em seu contexto familiar e social é que irá explicar os efeitos devastadores do segundo golpe, aquele que produz o traumatismo.

3. Finalmente, a possibilidade de encontrar lugares de afeto, de atividades e de palavras que a sociedade dispõe, às vezes, em torno do ferido oferece os tutores de resiliência que lhe permitirão retomar um desenvolvimento modificado pelo ferimento.

Os processos de resiliência na criança e a família

Para Günspun (2003) existem pessoas que demonstram certas características de processos de resiliência:

1. Competência social: a criança resiliente é flexível, sensível, atenciosa, com capacidade de demonstrar habilidades sociais. Tem boa capacidade de se comunicar e nas dificuldades é capaz de usar certo humor;
2. Competência para resolver problemas: a criança resiliente é capaz de pensar de forma crítica e pensar com alternativas, procurando soluções para as necessidades ambientais, procurando adaptação. Não encontrando saída, busca ajuda;
3. Autonomia: a criança resiliente tem forte senso de identidade e uma autoestima positiva. Mostra independência e autocontrole, quando as experiências são muito negativas, se engaja numa distancia adaptativa da situação;
4. Têm propósito com confiança no futuro: a criança resiliente é capaz de perceber os alvos realísticos. Tem aspirações educacionais mais elevadas. Ela é persistente e esforçada. Ela é otimista e enxerga o futuro com oportunidades e sucesso;
5. Tem fatores protetores contra fatores de risco: competência social. Temperamento fácil. Inteligência. Autonomia. Autoestima. Autocontrole. Auto eficácia. Competência em resolver problemas. Sentido de propósitos. Expectativas no futuro.

Dentre os mecanismos de proteção estão presentes o autoconceito positivo e o suporte social, do qual a pessoa resiliente pode usufruir no momento em que houve

algo que exija adaptação ao cotidiano (Sapienza, 2005). Ao mencionar a resiliência infantil Cyrulnik relata que:

Este caminho de resiliência se instala quando deixam a criança ferida se debater sozinha em circunstâncias adversas. A maioria não resiliente se orienta para uma extinção psíquica e uma deterioração física, mas algumas descobrem a estratégia masoquista que reunifica os pedaços do corpo, luta contra o vazio melancólico graças a uma criatividade dolorosa e possibilita merecer um lugar na sociedade, depois de terem sido perdoadas por um tribunal de fantasmas. (CYRULNIK, 2009, p.42)

A partir de pesquisas, foram constatadas que existem fatores de resiliência e condutas resilientes que, segundo Grotberg (2005), para que existam condutas resilientes precisamos ter fatores resilientes como, por exemplo, sei que tenho pessoas com que posso contar quando necessito e vou ao encontro deste auxílio no momento de dificuldade. Mas devemos ter em mente, que os fatores se alteram conforme o desenvolvimento do indivíduo e as situações vivenciadas por ele. Este autor, em sua pesquisa, encontrou fatores de resiliência, que categorizou da seguinte forma:

<p>EU TENHO</p> <ul style="list-style-type: none">• Pessoas do entorno em quem confio e que me querem incondicionalmente• Pessoas que me põem limites para que eu aprenda a evitar os perigos ou problemas• Pessoas que me mostram, por meio de sua conduta, a maneira correta de proceder• Pessoas que querem que eu aprenda a me desenvolver sozinho• Pessoas que me ajudam quando estou doente, ou em perigo, ou quando necessito aprender <p>EU SOU</p> <ul style="list-style-type: none">• Uma pessoa pela qual os outros sentem apreço e carinho• Feliz quando faço algo bom para os outros e lhes demonstro meu afeto• Respeitoso comigo mesmo e com o próximo <p>EU ESTOU</p> <ul style="list-style-type: none">• Disposto a me responsabilizar por meus atos• Certo de que tudo sairá bem <p>EU POSSO</p> <ul style="list-style-type: none">• Falar sobre coisas que me assustam ou inquietam• Procurar a maneira de resolver os problemas• Controlar-me quando tenho vontade de fazer algo errado ou perigoso• Procuo o momento certo para falar com alguém• Encontrar alguém que me ajuda quando necessito. <p style="text-align: right;">Grotberg (2005)</p>

Através das categorias acima descritas, podemos verificar que os fatores possibilitam a existência das ações resilientes. O apego também pode ser um indicativo para a compreensão da resiliência no sentido de possibilitar experiência de afeto e vínculo, que é um potencializador da autoestima. (Dalbem & Dell'Aglio,

2008). A partir do momento em que os indivíduos percebem os aspectos positivos existentes em si, a forma com que lidam com os eventos estressores se modifica em virtude de se verem ativos e passíveis de superação da adversidade (Paludo & Koller, 2007).

Como resiliência familiar compreende-se os processos de superação dos infortúnios presentes no cotidiano da família, possibilitando que os acontecimentos adversos sejam superados de forma coletiva e que o sofrimento seja minimizado e talvez transformado em possibilidades de uma vida familiar saudável. A resiliência familiar é percebida na habilidade da família de reduzir o impacto negativo do evento estressor, onde seja possível buscar recursos de auxílio (Dell’Aglia, Koller & Yunes, 2006).

As relações intrafamiliares e a percepção das vivências infantis são consideradas, ao longo da vida, importantes para o funcionamento psicológico (Rutter, 1987). Quando a família não está em condições de ser um tutor de resiliência para a criança, é preciso que outrem o faça, caso contrário, o infante tombará juntamente com sua família (Cyrulnik, 2004).

É importante compreender os processos de resiliência em famílias, ou seja, perceber como em determinado contexto a família utiliza da coesão familiar, atuação entre seus membros ou se existem distorções de papéis e violência. Verifica-se que a resiliência pode estar presente em uma determinada família, mas pode não ser vivenciada por todos os membros naquele momento, ou seja, um dos pais pode em determinado momento do ciclo de vida apresentar uma doença mental e o outro cônjuge pode continuar desempenhando seu papel naquela família de forma afetiva e cuidadosa. (Cecconello, 2003). Conforme pesquisa realizada, Ceconello (2003) traz situações familiares em que ocorrem situações como violência conjugal, inversão de papéis, abuso e maus-tratos, entre outros, mas relatam também as adversidades superadas por estas mesmas famílias observadas no período da pesquisa.

Tanto escola quanto família, pensados enquanto contextos de vida, podem ser espaços de risco ou proteção, sendo o divisor de águas entre eles a afetividade e a qualidade das relações vividas nestes espaços (Poletto, 2008). Percebe-se como um fator preponderante para a resiliência familiar a disponibilidade de uma rede de apoio social e afetiva, encontrada na comunidade, que pode servir como um espaço de segurança, conectividade entre as pessoas, religião e estabilidade financeira (Dell’Aglío, Koller & Yunes, 2006).

O desenvolvimento de uma criança precisa acontecer em um ambiente protegido, ou seja:

Esse entorno precisa ser estável para dar a criança o sentimento de continuidade e de futuro; amoroso para permitir que aprenda a dar e receber afeto; confiável para prover segurança e o sentimento de que pode contar com os outros para superar problemas; flexível, com limites negociados e adaptados ao possível de cada indivíduo, e aberto para lidar com o novo; firme o suficiente para facilitar a introjeção de limites e norma culturais; respeitoso para que as pessoas aprendam os direitos e os deveres da vida em comunidade. (ASSIS et al, 2006, p.61)

Há indicativos de que o apoio e permanência de pessoas próximas auxiliam na superação das adversidades (Yunes, 2003). A resiliência familiar vem em busca de processos saudáveis e aspectos de sucesso desta família, em vez de focar somente na desadaptação e desajustes deste grupo familiar, sendo compreendida a resiliência familiar como aquelas famílias que resistem as dificuldades, adaptando-se e modificando-se (Yunes, 2001) Um conceito mais específico de resiliência familiar parte da seguinte definição: "Resiliência em família descreve a trajetória da família no sentido de sua adaptação e prosperidade diante de situações de estresse, tanto no presente como ao longo do tempo. Famílias "resilientes" respondem positivamente a estas condições de uma maneira singular, dependendo do contexto, do nível de desenvolvimento, da interação resultante da combinação entre fatores de risco, de proteção e de esquemas compartilhados". (Hawley e DeHann, 1996, p.293).

Houve uma crença, em determinado momento, de existir a percepção de que as famílias seriam somente consideradas como um fator de risco para seus membros. Atualmente, houve mudanças sobre esta visão, onde a família passa a ser vislumbrada como um fator também de proteção. Com isto, a resiliência também se

modifica, passando da visão somente individual para uma visão sistêmica e de processo (Souza & Cervený, 2006).

De acordo com Garcia (2001), existem três tipos de resiliência: 1) emocional: relacionada com as vivências positivas que levam sentimentos de autoestima, auto eficácia e autonomia, que possibilitam que o indivíduo lide melhor com mudanças e adaptações, conquistando um repertório de possibilidades para a resolução de problemas. 2) acadêmica: esta envolve a escola como um local onde as habilidades de resolver problemas são adquiridas, com o auxílio dos profissionais que atuam na escola. 3) social: engloba os fatores de pertencimento, pais, relacionamentos interpessoais, relacionamentos íntimos, ou seja, encontrar modelos sociais que estimulem a aprendizagem de resolução de problemas.

Contexto escolar

A escola pode ser um tutor de resiliência. A escola é um espaço privilegiado, pois não é somente um lugar para construção e disseminação de conhecimento, mas pode também servir de um local onde se promove qualidade de vida, saúde e bem-estar social e individual. A escola permanece na vida do aluno por vários anos e se faz presente na formação da personalidade de cada um, carregando consigo a vantagem de conhecer os pais dos alunos e de acompanhar o desenvolvimento dos jovens. A resiliência na escola pode ser desenvolvida em diversas atividades como: “trabalhar habilidades específicas e apropriadas para cada faixa etária; ensinar a coordenar e integrar a área cognitiva, afetiva e comportamental; articular a área acadêmica com a educação para a saúde e para a vida familiar” (Assis et al, 2006, p.117-118).

A escola pode ser considerada como um lugar privilegiado para o estabelecimento de vínculos, ampliação da sociabilidade e construção de valores, atitudes e ações afirmativas (Farjado, Minayo & Moreira, 2010). Neste sentido, o docente tem um papel imprescindível neste ambiente. Por isso, a escola precisa utilizar o potencial disponível para ela enquanto um lugar de resiliência. Há na literatura a descrição de características de um professor resiliente, onde ele contribui para a construção dos

processos de resiliência de seus alunos da seguinte forma: (1) enriquecer os vínculos; (2) determinar limites claros e fortes; (3) ensinar habilidades para a vida; (4) proporcionar afeto e apoio; (5) estabelecer e transmitir expectativas elevadas; (6) proporcionar oportunidades de participação significativa. A combinação desses seis passos produz como resultado maior apego à escola, mais compromisso social e concepção mais positiva de si mesmo por parte dos alunos, pais, responsáveis e docentes (Henderson & Milstein, 2005).

Quando o foco da resiliência é o professor precisamos compreender que não basta o professor investir em sua profissão e questionar seu papel e seu desempenho em sala de aula, é necessário também que exista um apoio afetivo para que este profissional desenvolva suas atividades com qualidade. (Farjado, Minayo & Moreira, 2010). O apoio necessário pode acontecer a partir da coesão e cumplicidade de seu grupo de trabalho, ou seja, a compreensão de que cada aluno é responsabilidade de toda a equipe de professores que atuam na escola.

Uma questão importante sobre a proteção de crianças ocorre no sentido de que deveríamos auxiliá-las a desenvolver seus mecanismos individuais de resiliência (Gonçalves, 2003). Neste sentido, aparece a importância da estimulação e da crença no potencial de cada criança, sendo demonstrada por seus educadores, além da apreciação sentida por seu aluno. Erros e fracassos de alunos são formas de aprendizado e não de humilhação e punição (Assis et al, 2006). A escola deveria apostar nas relações interpessoais que se desenvolvem nela, juntamente com os aspectos emocionais e pessoais como forma de promoção de saúde (Pereira, 2001).

A educação é um dos eixos centrais para promover a resiliência em crianças e adolescentes, para crescerem e se desenvolverem de forma mais positiva. A autoestima aparece como uma das peças chave para o desenvolvimento da resiliência e que crianças resilientes tem sua aprendizagem impulsionada. Os professores relatam que estas crianças sentem-se importantes e valorizados por suas conquistas e sabem que há quem lhes auxilie nos momentos de dificuldade (Melillo, 2005).

Uma escola protetiva é aquela que sabe cuidar de seus professores, alunos e funcionários. Contudo, a escola deve contar com funcionários e professores que estimulem os alunos a superarem dificuldades, mas sempre de forma afetiva (Assis et al, 2006). Já existem propostas pedagógicas que enfatizam a auto-estima, conforme demonstra Melillo (2005) na síntese de um projeto de como a resiliência pode estar presente na escola:

- Gera reconhecimento de cada criança e nutre sua autoestima.
- A criança sente que tem pessoas que a ajudam quando necessita aprender e promovem sua capacidade de se relacionar.
- Promove-se a iniciativa e a criatividade das crianças, recriando um clima lúdico para a aprendizagem.
- Estimula a capacidade de se relacionar, para construir solidariamente um ambiente para sua aprendizagem.
- Compromete pais com a aprendizagem da criança, que sente que também tem sua ajuda e estímulo. Alimenta sua autoestima.
- Faz com que a criança se sinta uma pessoa apreciada e respeitada pelo outro, o que gera confiança e autoestima.
- Faz com que as crianças sintam que se espera delas o aprendizado de seu próprio desenvolvimento, a possibilidade de buscar a maneira de resolver os problemas, relacionando-se com seus pares solidariamente.

(Melillo, 2005)

As pesquisas mostram que escolas que apostam em seus alunos e oferecem apoio a todos eles têm sucesso no seu trabalho pedagógico e que os problemas disciplinares também tendem a diminuir. Em um trabalho desenvolvido em Buenos Aires, chamado ZAP (Zonas de Ação Prioritária) recorreu-se a um programa onde se fomentou a capacitação de professores e construir uma nova forma de trabalho docente que resultou no sucesso escolar e no aumento da autoestima dos alunos. Segundo os estudos nestas escolas, valoriza-se a participação dos alunos nas atividades escolares, tanto quanto a solidariedade e o respeito mútuo (Melillo, 2005).

Contudo, a escola ainda não está preparada para acompanhar as mudanças mundiais que assolam nossa sociedade e ainda não estão conseguindo atender as demandas diversas que surgiram com este processo de mudança (Castro, 2001). Desta forma, a escola necessita internalizar atitudes e concepções mais desafiadoras e mais adequadas aos novos tempos e às novas situações presentes no contexto educacional.

O desenvolvimento dos processos de resiliência na escola pode ser resumido, segundo Henderson e Milstein (2005) da seguinte forma e contribuindo para: (a) o estabelecimento de vínculos de sociabilidade, atitudes e comportamentos positivos entre professores e alunos, evitando o isolamento social que poderia gerar a violência e a discriminação; (b) o fortalecimento de uma estratégia essencial frente à rapidez com que surgem as informações, os avanços tecnológicos, as mudanças sociais e o estresse que atestam as necessidades e dificuldades da vida moderna, exigindo do docente um desenvolvimento profissional para responder aos variados e crescentes desafios que enfrentam; (c) uma posição favorável do professor para identificar e ajudar os alunos enfrentarem problemas e dificuldades, evitando consequências prejudiciais à saúde e ao bom desempenho na escola; (d) criar meios de fortalecer a saúde dos estudantes e professores, desenvolvendo o lado positivo de seu desempenho e a sua proteção; (e) criar estratégias para valorizar uma atuação dialógica e de negociação de conflitos, o que é altamente significativo em relação à prevenção da violência interpessoal (Handerson & Milstein, 2005).

Preciosa: uma história de esperança

O filme *Preciosa: uma história de esperança*, foi lançado em 2009 pela Lionsgate e PlayArte, tendo como tema a superação. O filme dirigido por Lee Daniels retrata a história de uma adolescente chamada Clareece Precious Jones (Gabourey Sidibe) que convive com várias adversidades em sua vida. Dentre elas, a adolescente sofre maus tratos (abuso sexual intrafamiliar e abuso psicológico) e está grávida de seu segundo filho. Entretanto, Preciosa tem, em seus sonhos, a crença de que eles podem se realizar. Preciosa encontra na escola pessoas que a apoiam e acreditam no potencial que ela tem. Colegas e professora possibilitam a ela construir um novo caminho rumo à superação das adversidades vividas até o momento.

Clareece Precious Jones tem 16 anos e mora no Harlem. Frequenta o colegial. Na aula de matemática, fica pensando que “alguma coisa vai acontecer, tipo eu vou acontecer ou alguém vai me fazer acontecer.” É suspensa da escola por estar grávida de seu segundo filho. A diretora Sandra Lichenstein vai até a casa de Preciosa oferecer a ela a oportunidade de continuar seus estudos em uma escola

alternativa, *Cada um ensina um*. A mãe de Preciosa, Sra. Mary Johnston não considera a escola importante e diz repetidas vezes que a filha não aprende nada. Preciosa também sofre abuso psicológico e físico por parte da mãe, sendo chamada de gorda, imbecil,..., em alguns destes momentos ela se refugia em seus sonhos, onde ela é a estrela da apresentação. Com esta passagem, percebe-se que a família nem sempre é uma referência de proteção e, neste caso, a família de Preciosa demonstra-se vulnerável e de risco para o desenvolvimento da adolescente. No quadro Processos-chave da resiliência, Walsh (1998) enfatiza a questão do olhar positivo e da transcendência e espiritualidade, características importantes do processo de resiliência. Estas características aparecem em outras cenas do filme, quando Preciosa acredita que existe algo além do que a vivência e as palavras podem explicar.

Após alguns dias em casa, Preciosa toma a iniciativa e procura pela escola alternativa. Lá, realiza alguns testes de leitura e escrita para ser inserida em uma turma. No caminho de volta para casa, imersa em seus pensamentos, pensa que queira estar morta, mas acha que vai ficar bem, que está melhorando. Percebe-se que ela não está imune às situações difíceis em sua vida, mas que apesar delas, consegue perceber coisas boas em si e isto possibilita que ela siga em frente, pois demonstra confiança em si mesma. Neste momento, a personagem parece demonstrar ter em sua constituição alguns pilares resilientes (Melillo et al, 2005), como independência, introspecção e iniciativa que possibilitam que ela siga em frente.

Antes de chegar em sua casa, é agredida verbal e fisicamente por alguns adolescentes e, quando está caída ao chão tem um de seus sonhos. Em alguns momentos, se imagina branca, loira e magra, como se ser assim implicasse em não sofrer essas agressões.

Dia seguinte, ao fazer o caminho até a escola vem pensando em coisas ruins que lhe aconteceram, lembrando as violências sofridas. Mas imediatamente acredita que existirão dias melhores. Novamente, encontra-se princípios de uma crença em algo maior, demonstra ter fé que a vida pode ser melhor. Fica claro, nesta passagem

do filme, um propósito de confiança no futuro, como nos relata Gunspun (2003) como sendo uma característica dos processos de resiliência.

A professora Blu Rain pede que ela sente na frente da classe e inicia a apresentação de todos, inclusive a de si mesma. Uma das questões da apresentação é o que cada uma sabe fazer bem e Preciosa é a última a se apresentar. Em sua apresentação, ela diz que nunca havia falado em classe antes e relata que não é boa em nada. A professora insiste, pois todos nós somos bons em alguma coisa, por fim ela diz que sabe cozinhar. Após a aula, a professora realiza um teste de leitura individual com Preciosa para poder identificar o seu nível de leitura. A professora Blu Rain, desde a primeira troca de olhar com Preciosa, é atenciosa e respeitosa, não somente com ela, mas com todas as suas alunas. A professora demonstra interesse nos conhecimentos de Preciosa e é empática as suas dificuldades.

Em casa, as agressões se repetem. A mãe de Preciosa não acredita na escola e nem que sua filha possa aprender, mas precisa que ela frequente a mesma, para que ela possa continuar recebendo os benefícios da Assistência Social. Preciosa se apresenta na Assistência Social e conversa com uma profissional chamada Sra. Weiss. Em todas as cenas em que Preciosa sai de casa, seja para a escola seja para ir a Assistência Social, ela cuida de sua aparência, ou seja, utiliza brincos e colares e sempre arruma o cabelo, demonstrando que apesar das humilhações sofridas ainda resgata sua autoestima. A profissional solicita a Preciosa que conte sobre sua família, como é na sua casa. Ela relata que sua mãe fica assistindo televisão e comendo, olhando televisão e comendo. Comenta também de sua filha Mongo, diminutivo de mongolóide, pois a criança tem Síndrome de Down. A filha de Preciosa é criada pela sua avó, que a traz somente quando elas recebem a visita da assistente social.

Na escola, Preciosa está aprendendo a ler e escrever. Uma das tarefas diárias em sua escola é a escrita, no qual escrevem em um diário. A professora também escreve para as alunas. A metodologia de trabalho da professora permite que as alunas exercitem sua criatividade e resgatem a possibilidade de autoria não só de

sua escrita, mas também de sua vida, apostando no protagonismo. A autoconfiança é construída através da aprendizagem e do papel da escola na vida desta aluna.

Preciosa pensa no bebê que está esperando e conversa com ele, dizendo que sua mãe não é burra e que ela o ama. A bolsa rompe no momento em que Preciosa está lendo uma fábula escrita por ela. Abdul nasce com saúde e Preciosa expressa seu amor por ele. No período em que Preciosa está internada, a professora, as colegas e a avó vem visitá-la e fazem companhia a ela. As colegas se encarregam de levar o diário para a professora e de volta para Preciosa, uma forma onde as duas se correspondem. A assistente social sugere a Preciosa que ela dê seus filhos para adoção e este é um dos temas escritos no diário com que Preciosa e a professora conversam. A professora pergunta o que seria melhor para ela neste momento e quem estaria mais habilitado a cuidar de Abdul. Preciosa responde que ela é a melhor para cuidar de seu filho. Neste momento do filme, o vínculo entre Preciosa e Blu Rain está constituído e tem apoio social na escola. Preciosa consegue perceber que pode tomar as rédeas de sua vida e acredita que será uma boa mãe para Abdul.

Este trecho do filme parece, portanto, mostrar um momento em que a personagem consegue perceber que existe uma rede de apoio, conforme nos afirma Gortberg (2005).

Preciosa retorna para casa com o pequeno Abdul. Sua mãe pede para segurar o bebê. Ela diz que ele é parecido com o pai. Mãe e filha brigam física e verbalmente. Preciosa vai embora com Abdul. Sem ter para onde ir, Preciosa arromba a escola e passa a noite lá. Quando a professora chega à escola no outro dia, Preciosa sabe, pela feição da professora, que não será mais uma sem teto. Blu tenta conseguir um abrigo para mãe e filho. Sem conseguir abrigo para Preciosa leva-a até sua casa para passar a noite. Na casa de Blu, Preciosa conhece sua companheira, que também lhe trata com respeito e carinho, perguntando-se: “porque pessoas que mal me conhecem são mais legais do que meus próprios pais?” Diz sentir-se reconfortada por estar ali. Nesta passagem do filme Preciosa, encontra alguém que lhe aceita como é, a professora Blu Rain.

Preciosa sempre morou com a mãe. A avó seria uma outra referência familiar, mas esta não permite que Preciosa more com ela por medo de ser repreendida pela filha (mãe de Preciosa). A escola tem outro sentido na vida de Preciosa, ela sente-se a rainha do abecedário, pois está conseguindo ler e sua professora continua estimulando-a a ir mais longe nos estudos.

Abdul e Preciosa vão para um abrigo. A prefeitura concede à Preciosa um prêmio de alfabetização por seus progressos. Blu Rain e colegas fazem uma festa para Preciosa na escola. Após a festa, Preciosa e a professora conversam, Blu relata que não tem um bom relacionamento com sua mãe e, neste momento, Preciosa começa a pensar que *“certas pessoas tem luz que brilham para os outros. Acho que algumas delas estiveram em túneis e nesse túnel, a única luz que tinham estava dentro delas. E aí, mesmo muito tempo depois de terem escapado daquele túnel, elas ainda brilham para todos os demais. É isto que a sra. Rain é para mim.”* Este pensamento de Preciosa retrata não somente o que a professora significa na vida dela, mas o quanto ela mesma também tem uma luz que brilhava somente dentro dela e que agora pode também brilhar para os outros, principalmente para seu filho Abdul e para sua filha Mongo. A professora aparece em sua vida, mostrando a Preciosa que ela a aceita como ela é e que é possível escrever um outro destino.

Enquanto brinca com Abdul, Preciosa pensa no significado de um abrigo e relata que havia lido em um livro que abrigo significava um meio-termo entre a velha vida e onde queria estar e pensa em ter seu próprio apartamento. Mas lembra-se que não pode ficar ali para sempre. Ainda haveria um caminho a percorrer. Conta que lê todos os dias para Abdul, que ele é um menino muito esperto e que vai recuperar a Mongo. Preciosa vislumbra um futuro melhor para ela e seus filhos, mas sabe que não será algo fácil, mas ela não vai desistir, pois tem esperança em dias melhores e de que ela merece uma vida digna. A luta está presente no processo de resiliência.

Sua mãe aparece no abrigo para contar que seu pai havia morrido e que ele tinha o vírus HIV/AIDS (Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Neste momento, Preciosa recorre aos seus sonhos... Preciosa busca um médico e lhe é confirmado que ela também é soropositivo. Na escola, a professora

insiste que Preciosa escreva. Preciosa diz não ter nada para escrever e relata chorando, que é soropositivo. A professora insiste para que ela escreva sua história. Preciosa irrita-se com a professora, dizendo que ela não sabe pelo que ela passou. Relata que nunca teve um namorado e que o pai dizia que iria se casar com ela. A professora continua insistindo para que ela escreva, dizendo que o faça pelos que a amam. Preciosa chorando, diz que ninguém a ama. E que o amor não fez nada por ela: *“O amor me bateu, me violentou, me chamou de animal, me fez sentir inútil, me fez adoecer!”* A professora responde que isto não era amor e que seu bebe amava ela e que ela a amava e pede novamente que ela escreva. Este cena é muito emocionante, pois todas as colegas assistem ao diálogo entre Preciosa e a professora e todas demonstram respeito pelo sofrimento de Preciosa.

No prédio da Assistência Social, Preciosa conversa com a Sra. Weiss, a mesma diz que gosta de Preciosa e Preciosa não compreende como ela pode gostar dela se mal a conhece. Preciosa rouba seu arquivo da mesa da Sra. Weiss. Durante a conversa, Sra. Weiss diz que a mãe de Preciosa gostaria de uma sessão de reconciliação com ela.

O arquivo da Sra. Weiss diz que Preciosa certamente irá morrer de AIDS, Preciosa pensa não se importar em morrer, mas sim em como vai criar as crianças. Neste momento, Preciosa está construindo um projeto de vida para e si e seus filhos.

Preciosa aceita a sessão de reconciliação com a mãe. Sra Weiss pergunta a mãe de Preciosa sobre os abusos físicos e sexuais. A mãe de Preciosa relata que a filha e os netos pertenciam a ela e que ela e Carl amavam Preciosa e tinham sonhos. A mãe confirma que Preciosa era abusada sexualmente pelo pai, Carl, desde os três anos e que queria dizer a ele que parasse. A mãe relata também que odiava a filha, pois ele era seu homem e ele queria sua filha. E que foi por causa de Preciosa que Carl foi embora. A mãe afirma perante a Sra. Weiss que a culpa pelos abusos era de Preciosa, que ela não reagia aos abusos. A mãe de Preciosa traz Mongo e a entrega para a filha. Preciosa relata que realizou novamente o teste na escola que e havia tirado 7,8, sendo que no primeiro teste havia conseguido 2,8. Com esta nota, poderá ir para a sétima ou oitava e no próximo ano, para o Ensino Médio. Preciosa diz que

também gosta de Sra. Weiss, mas que ela não pode dar conta de sua vida. Preciosa diz que nunca havia realmente conhecido sua mãe até aquele momento, mas que ela nunca mais irá vê-la e sai do prédio da Assistência Social com os filhos no colo, sorrindo... Preciosa parece perdoada pelo seu próprio tribunal de fantasmas, como nos diz Cyrulnik. Ela compreendeu o seu passado e agora pode escrever o seu futuro. Sua história ainda estava por ser escrita, mas certamente ela sabe que pode contar com a professora Blu. Na vida de Preciosa, sua família pode ser considerada um fator de risco e de vulnerabilidade. Havia características resilientes dentro de Preciosa, mas algumas delas só puderam sair quando encontraram alguém que lhe possibilitasse apoio e segurança emocional. A escola na vida de Preciosa é um fator de proteção e de resiliência, possibilitando a ela se desenvolver cognitivamente e emocionalmente, resgatando sua autoestima, a crença em seu potencial e a possibilidade de escolha em sua vida. A escola pode representar um fator de proteção na vida de muitos jovens como Preciosa.

Considerações finais

A primeira parte deste artigo dedicou-se a revisão bibliográfica acerca do conceito de resiliência e das características relatadas por diversos autores, como Melillo (2005) e Grotberg (2005). Em um segundo momento, por meio da arte cinematográfica, foi possível exemplificar características e o desenvolvimento de um processo de resiliência, analisado através da personagem Preciosa. Apesar de basear-se em uma ficção, foi possível identificar fatores protetivos e de risco, características resilientes na personagem, assim como o papel desempenhado pela família e pela escola. Como foco deste artigo, estava o papel da escola no desenvolvimento de processos de resiliência na vida de crianças e adolescentes. Com base no filme, constatou-se que a escola pode ser um fator de proteção e de afloramento dos processos de resiliência.

Os estudos realizados por Melillo (2005) e Tavares (2001) com o objetivo de investigar o binômio escola e resiliência são ainda incipientes para concluir como se dá o processo da resiliência na escola, necessitando-se de mais pesquisas que aprofundem o tema proposto, contudo o tema mostra-se importante pois a escola

faz-se presente na vida de todas as crianças e jovens por algum tempo e é justamente neste espaço de tempo em que é possível acompanhar como se dá o processo de resiliência.

Referências

ANGST, R. Psicologia e Resiliência: uma revisão de literatura. In: **Psicologia argumento**. v. 27 n. 58 Jun./Set. 2009. ISSN 01037013 – 19805942.

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed/UNICEF, 2006.

BARLACH, L. **O que é resiliência humana?** Uma contribuição para a construção do conceito. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005.

BIANCHINI D.C.S.; DELL`AGLIO, D. D. Processos de resiliência no contexto de hospitalização: um estudo de caso. **Paidéia**, vol.16 n.35. Ribeirão Preto: Set./Dez. 2006. ISSN 0103-863X.

BLASIUS, L. **A Resiliência na formação do policial-militar**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2008.

CASTRO, M. A. C. D. Revelando o sentido e o significado da resiliência na preparação de professores para atuar e conviver num mundo em transformação. In: TAVARES, José (org). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

CECCONELLO, A. M. **Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco**. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

COSTA, C. R. B. S. F.; ASSIS, S. G. Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto socioeducativo. In **Psicologia & sociedade**. vol.18, n.3, 2006. ISSN 1807-0310.

CYRULNIK, B. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ **Autobiografia de um espantalho**. São Paulo: Martines Fontes, 2009.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Apego em adolescentes institucionalizadas: processos de resiliência na formação de novos vínculos afetivos. **Psico**. vol. 39, n.1, 2008. ISSN 19808623.

DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. M. **Resiliência e psicologia positiva**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FARJADO, I. N.; MINAYO, M. C. S.; MOREIRA, C. O. F. (2010). Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. In: **Avaliação e políticas públicas em educação**. vol.18 n.69. Rio de Janeiro: Out./Dez. 2010. ISSN 0104-4036.

GARCIA, I. Vulnerabilidade e resiliência. **Adolescência latino-americana**. v.2 n.3. Porto Alegre: Abr/2001. ISSN 1414-7130.

GONÇALVES, M. J. Aumentar a resiliência das crianças vítimas de violência. **Análise psicológica**.

GROTBERG, E. H. Novas tendências em resiliência. In: MELILLO. A; OJEDA E. N. S. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GÜNSPUN, H. **Violência e resiliência**: a criança resiliente na adversidade. Disponível em: http://revistabioetica.cfm.org/index.php/revista_bioetica/article/view/207/208. Acesso em: 15 junho/2011.

HAWLEY, D. R.; DEHANN, L. Toward a definition of family resilience: integrating life span and family perspectives. *In: Family process*. n. 35, 1996.

HENDERSON, N.; MILSTEIN, M. M. **Cómo fortalecer la resiliência en las escuelas**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

INFANTE, F. H. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. *In: MELILLO A.; OJEDA, E. N. S. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

JUNQUEIRA, M. F. P. S.; DESLANDES, S. F. Resiliência e maus-tratos à criança. *In: Cadernos de Saúde Pública*. vol.19 n.1. Rio de Janeiro: Jan./Fev. 2003. ISSN 0102-311X.

LARANJEIRA, C. A. S. J. Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. *In: Psicologia: Teoria e Pesquisa*. vol. 23, n.3, Jul-Set 2007.

LIBÓRIO, R. M. C.; UNGAR, M. Resiliência oculta: a construção social do conceito e suas implicações para práticas profissionais junto a adolescentes em situação de risco. *In: Psicologia: Reflexão e Crítica*. vol.23, n.3, Porto Alegre: 2010. ISSN 0102-7972.

MELILLO, A.; ESTAMATTI, M.; CUESTAS, A. Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. *In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MELILLO, A. Resiliência e educação. *In: MELILLO, A.; OJEDA; E. N. S. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Psicologia positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paidéia**. vol.17, n.36, Ribeirão Preto: Jan./Abr. 2007. ISSN 0103-863X.

PEREIRA, A. M. S. Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. *In*: TAVARES, J. (org). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

PERES, J. F. P.; MERCANTE, J. P. P.; NASELLO, A. G. Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico. *In*: **Revista de psiquiatria RS**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v27n2/v27n2a03.pdf>.

PESCE, R. P.; ASSIS, S. G.; SANTOS, N.; OLIVEIRA, R. V. Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. **Psicologia: teoria e pesquisa**. vol. 20, n.2, Mai/Ago.2004.

PINHEIRO, D. P. N. A resiliência em discussão. **Psicologia em estudo**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n1/v9n1a09>.

POLETTI, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de psicologia**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n3/a09v25n3.pdf>.

RODRIGUÉZ, D. H. O humor como indicador de resiliência. *In*: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American journal of orthopsychiatry**. vol.57, n.3, Jul/1987.

SANTOS, L. L. **Habitar a rua: compreendendo os processos de risco e resiliência**. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M. R. M. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicologia em estudo**. vol.10, n.2, Maringá: Mai/Ago. 2005. ISSN 1413-7372.

SOUZA, M. T. S.; CERVENY, C. M. O. Resiliência Psicológica: revisão de literatura e análise da produção científica. **Revista interamericana de psicologia**. vol. 40, n.1, 2006

TAVARES, J. (org). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noções, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J (org). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, M. A. M. Psicologia Positiva: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em estudo**. vol.8, n.esp. Maringá: 2003. ISSN 1413-7372.

_____ **A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda**. Programa de psicologia da educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.